

Madeira não está obrigada a devolver pintura reivindicada por lorde inglês

A obra do pintor Thomas Buttersworth, arrematada há quatro anos à leiloeira Christie's pelo Museu Quinta das Cruzes, está a ser reivindicada por Piers Inskip, que diz que o seu pai não doou o quadro

Arte Tolentino de Nóbrega

O Governo Regional da Madeira não tenciona devolver o quadro do pintor Thomas Buttersworth, adquirido há quatro anos pelo Museu Quinta das Cruzes à leiloeira Christie's. "A nossa compra é totalmente legítima", garantiu ao PÚBLICO a secretária regional do Turismo e Cultura, Conceição Estudante, com a tutela do Museu Quinta das Cruzes.

A governante sublinha que o museu madeirense seguiu escrupulosamente os procedimentos da licitação internacional pública, quando o arrematou à famosa casa de leilões londrina Christie's. "Se há uma contestação da venda, isso não nos diz respeito", acrescenta Estudante, que diz desconhecer oficialmente qualquer litígio judicial entre o pretendente proprietário, a leiloeira e o museu britânico alegadamente depositante da obra. Até à hora de fecho do jornal, a Christie's não respondeu às questões colocadas por *email* pelo PÚBLICO sobre o diferendo.

"Nós não somos parte nesse litígio", afirmou a secretária regional, que tutela o museu madeirense que adquiriu o quadro. E, caso seja posta em causa a legítima aquisição, a Madeira "exigirá a adequada indemnização", adverte. Esta posição é corroborada pelo advogado Ricardo Vieira, que não acredita que "possa ser judicialmente exigida a devolução do quadro".

A região "adquiriu-o de boa-fé, respeitando as rígidas regras de licitação, pelo que, a haver alguma irregularidade, a questão deverá ser dirimida entre a leiloeira e os herdeiros do antigo proprietário", acrescentou aquele especialista em Direito Administrativo, lembrando que, não existindo um registo de propriedade do quadro, a sua transmissão pela Christie's "é suficiente para garantir a legalidade do negócio da compra".

Por 76 mil euros

A pintura em causa tem como tema central o navio *Dunira*, pertencente à Companhia das Índias Orientais Inglesas, em passagem pela baía do Funchal. E foi arrematado num leilão da Christie's a 29 de Outubro de 2008, em Londres, por 61.250



A obra, encomendada a Thomas Buttersworth pelo capitão do navio *Dunira*, como forma de comemorar os 20 anos da sua carreira, é um importante contributo para o estudo da iconografia da cidade do Funchal e para a importância que a ilha da Madeira teve nas rotas marítimas, comerciais e de navegação do império colonial inglês

libras (76 mil euros), um valor ligeiramente acima da estimativa-base de 60 mil libras. A sua propriedade é agora reclamada por Piers Inskip, alegando que este estava apenas emprestado à instituição que o vendeu, revelou um programa transmitido pela BBC na segunda-feira, citado pela Lusa.

Piers Inskip, visconde de Caldecote e membro da Câmara dos Lordes britânica, alega que a venda foi ilegal porque o quadro, propriedade do pai, Robert Inskip, foi apenas emprestado ao Museu do Império e da Commonwealth Britânico para integrar uma exposição sobre a herança colonial britânica. Foi após a morte do pai, em 1999, que a família se apercebeu que o quadro tinha sido cedido temporariamente, ao encontrar um documento de prova do empréstimo.

"Eu contactei o museu e perguntei se podia tê-lo de volta, mas infelizmente eles disseram que não, que o quadro tinha sido dado ao museu. Descobrimos posteriormente que

tinha sido vendido pela Christie's em nome do museu", contou Piers Inskip ao programa *Inside Out*. O lorde atribui a responsabilidade do problema ao museu britânico, alegando que este "não tinha os processos adequados de verificação do espólio".

Foi através do autor da reportagem da BBC que o Governo madeirense tomou conhecimento do litígio que opõe a família Inskip ao museu inglês. Segundo a reportagem, 144 objectos estão desaparecidos e alguns terão sido vendidos em circunstâncias controversas. O então director, apesar de ter sido questionado pela polícia, não foi processado judicialmente. O museu abriu em 2002, em Bristol, no Sudoeste de Inglaterra, para expor espólio sobre o passado colonial britânico. Era o primeiro do género e incluía fotografias, esculturas, filmes, mas fechou em 2008.

O quadro, intitulado *The Honourable East India Company's Ship Dunira Passing Funchal Bay, Island of*

Madeira, da escola inglesa, a óleo sobre tela (82x122 cm), é de 1830, data que coincide com uma das últimas viagens que o *Dunira* realizou com destino ao Oriente. A obra, encomendada a Thomas Buttersworth pelo capitão do navio, Montgomerie Hamilton, como forma de comemorar os 20 anos da sua carreira, "constitui um importante contributo para a compreensão e o estudo da iconografia da cidade do Funchal e para o entendimento das relações e da importância que a ilha da Madeira teve nas rotas marítimas, comerciais e de navegação do império colonial inglês", realça a directora do Museu Quinta das Cruzes, Teresa Pais, no catálogo da exposição *Obras de Referência dos Museus da Madeira*, que esteve patente no Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa.

A aquisição, frisa Teresa Pais, foi justificada pela singularidade da obra, em cujo plano de fundo "podemos observar uma vista panorâmica, com uma perspectiva rara e invulgar, que abrange a totalidade

da baía do Funchal e sua arquitectura". Se, por um lado, "é evidente o rigor topográfico, a preocupação de sinalização e identificação de alguns edifícios emblemáticos da cidade, como a Igreja do Monte, o Forte do Ilhéu ou o Pilar de Banger", por outro, "o autor revela um sentido fantasista na representação imprecisa do casario, cuja localização é ajustada à composição geral do tema", acrescenta a directora do museu madeirense sobre a obra de Thomas Buttersworth (1768-1842), que, tal como outros pintores da escola inglesa do final do século XVIII, como Nicolas Pocock, Robert Dodd e Thomas Luny, se destacou na representação de temas marítimos.

The Ship Ville de Paris Under Full Sail (1803), a sua única obra exposta na Royal Academy of Arts, em 1813, e a pintura *Trafalgar at the End of the Action* (1805), exibida no British Institution, em 1825, têm uma estrutura composicional e narrativa muito próxima à obra existente no Museu Quinta das Cruzes.